
Filosofia, escola, educadores: uma abordagem histórica

Maria Inês Paulista

Mestranda do PPGE – Uninove
São Paulo – SP [Brasil]

A disciplina de Filosofia possibilita a análise das principais correntes do pensamento presentes na escola e na formação dos educadores. Este texto apresenta de forma sucinta alguns elementos que procuram caracterizar a importância do materialismo histórico como procedimento que permite compreender os processos histórico-sociais em sua totalidade. Ele constitui-se essencialmente como instrumento metodológico, descrevendo o particular, sem deixar de contextualizar suas relações no âmbito dos conflitos político, econômico e social. O materialismo histórico é a aplicação dos princípios do materialismo dialético ao estudo da sociedade.

Palavras-chave: Dialética. Filosofia. Materialismo histórico.

A disciplina de Filosofia possibilita a análise das principais correntes do pensamento presentes na escola e na formação dos educadores. Entendida como a procura da verdade integral do ser, não como algo eterno, imutável, incontestável, supra-histórico de que se apossa de uma vez para sempre, mas como o desvelar de um processo de fazer-se a realidade e sua compreensão, com o objetivo de transformá-la, tendo como centro de referência o homem.

Dentre as várias correntes filosóficas encontra-se o neotomismo, o positivismo, a fenomenologia e o materialismo histórico-dialético, configurando-se este último na ênfase do presente trabalho. Ele constitui-se, essencial como instrumento metodológico, descrevendo o particular, sem deixar de contextualizar suas relações no âmbito dos conflitos político, econômico e social. O materialismo histórico é a aplicação dos princípios do materialismo dialético ao estudo da sociedade. Nas palavras de Manacorda,

[...] materialismo histórico é a divisão do trabalho como meio historicamente necessário para o desenvolvimento das forças produtivas, isto é, divisão da sociedade em classes e divisão dos homens entre si na produção das próprias condições de vida e de cada homem em si mesmos divididos e unilaterais (MANACORDA, 1991, p. 83).

Não se pode pensar no indivíduo e na sociedade separadamente das condições materiais em que esses se apóiam, ou seja, as condições materiais condicionam as demais relações sociais e a produção é a base, a raiz que condiciona toda a sociedade. Assim, só é possível entender cultura, política, educação a partir do estudo

das relações básicas de produção na vida social do homem. De acordo com Marx e Engels,

O trabalho humano se encontra na base de toda vida social. Os homens, impulsionados pelas necessidades vitais, apropriam-se da natureza e produzem os bens necessários a sua manutenção, que lhes dão condições de existir, de se reproduzir de fazer história (MARX e ENGELS, 1982, p. 19).

Considerando que a história da humanidade se constitui por meio do trabalho, e que se centra nas relações de produção material da realidade, entende-se que toda produção humana é histórica e produzida coletivamente com outros homens. Essa visão coloca o homem como o centro da história e da ciência na história. E o trabalho é a essência do homem, pois é o meio pelo qual ele se relaciona com a natureza e a transforma em bens, a que confere valor. A desqualificação moral do capitalismo ocorre por ser um modo de produção que converte a força de trabalho em mercadoria e, desse modo, aliena o trabalhador como ser humano.

A abordagem histórica descreve e analisa as relações que se estabelecem entre o particular e o geral, isto é, a reflexão e a análise das contradições que ocorrem na realidade, indo do concreto ao abstrato, em que nada está pronto e acabado, mas em constante processo, em constante devir. Desvelar a história pode proporcionar um entendimento da dinâmica social presente e das entrelinhas esquecidas, que são ricas de experiências, demonstrando situações, sujeitos, fatos e a continuidade da história.

A perspectiva histórica permite expor a arbitrariedade dos processos de seleção e organização de fatos, acontecimentos e implicações,

para além de sua mera descrição. A base é a vida do homem: vida social, suas relações e sua prática que se consubstanciam. Uma produção humana, uma história e os sujeitos sociais se construindo nessas relações. Nesse sentido, o materialismo histórico pode ser considerado como um fio condutor dos estudos subseqüentes, seus conceitos básicos constituem uma teoria científica da história e rompe com a visão de uma simples narrativa ou descrição de fatos históricos para colocá-los em relação direta com a produção dos homens. Na opinião de Gramsci,

[...] a história indica o ponto de passagem “lógico” de toda concepção de mundo que lhe é adequada, de toda “contemplação” à “ação”, de toda filosofia à ação política que dela depende”. (GRAMSCI, 1966, p. 54).

Não há como dissociar as relações, elas estão intrinsecamente ligadas, articuladas; o surgimento e ascensão do capitalismo, as revoluções burguesas, o surgimento dos serviços sociais, as lutas de classes, as contradições e antagonismos marcam esse modo de produção de relações. As relações são dialéticas, dizem respeito ao mundo do possível, da história dos homens que, em sentido etimológico, significa a arte de relacionar os contraditórios.

Marx utilizou o método dialético para explicar as mudanças importantes ocorridas na história da humanidade através dos tempos. Ao estudar determinado fato histórico, ele procurava seus elementos contraditórios, buscando encontrar aquele elemento responsável pela sua transformação num novo fato, dando continuidade ao processo histórico.

De acordo com a teoria do movimento dialético do real, todo processo espontâneo e natural

do desenvolvimento é, ao mesmo tempo, gerador de aspectos contraditórios e negadores da positividade preexistente. Destinado a ser negado pela exacerbção das contradições e do antagonismo absoluto o próprio desenvolvimento das forças produtivas permite ao homem intervir, de modo voluntário e consciente, reproduzindo um nível superior de positividade originária.

O método dialético concebe o mundo como um conjunto de processos inacabados, em que as coisas aparentemente são estáveis, mas estão sempre em constante movimento: nenhuma coisa está acabada, encontrando-se sempre em via de se transformar, desenvolver-se; o fim de um processo é sempre o começo de outro, pois as coisas não existem isoladas, destacadas umas das outras e independentes, são como um todo unido e coerente.

Tanto a natureza quanto a sociedade são compostas de objetos e fenômenos organicamente ligados entre si, dependendo uns dos outros e, ao mesmo tempo, produzindo um movimento. Para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em reciprocidade.

O método dialético busca entender elementos conflitantes que estão presentes no interior das relações sociais, cujo conflito é superado por uma nova situação gerada a partir do conflito. De forma aproximativa e sintética, esse método supõe a investigação da conexão íntima entre a forma pela qual a sociedade produz sua existência material e as relações que cria. A produção material, em suas relações de produção, econômica, social e política entre as classes burguesas ou capitalistas, determina as relações e práticas sociais. Conforme aponta Almeida,

Na lógica dialética, a contradição é vital para explicar tanto a natureza

quanto a sociedade, bem como as relações entre os seres humanos e a natureza. (ALMEIDA, 2007, p. 93).

A base material ou econômica constitui a “infra-estrutura” da sociedade, que exerce influência direta na “superestrutura”, ou seja, nas instituições jurídicas, políticas (as leis, o Estado) e ideológicas (as artes, a religião, a moral) da época. Assim, a base material é formada por forças produtivas (que são as ferramentas, as máquinas, as técnicas, tudo aquilo que permite a produção), e por relações de produção (entre os que são proprietários dos meios de produção, das terras, das matérias primas e das máquinas e aqueles que possuem apenas a força de trabalho).

Ao se desenvolverem, as forças produtivas geram conflitos entre proprietários e não-proprietários dos meios de produção. O conflito se resolve em favor dessas forças e surgem relações novas, que já haviam começado a se delinear no interior da sociedade antiga. Com isso, a superestrutura também se modifica e abre-se a possibilidade de revolução social.

No processo de trabalho, os homens criam determinadas relações entre eles (relações de produção), que, juntamente com a capacidade de produzir (forças produtivas), constituem o modo de produção. O nível de desenvolvimento dessas forças produtivas materiais e as relações de produção correspondentes determinam segundo Marx e Engels (1982), os diferentes tipos de sociedade.

No processo histórico as contradições são geradas pelas lutas entre as diferentes classes sociais. Ao chamar a atenção para a sociedade como um todo, para sua organização em classes, para o condicionamento dos indivíduos à classe a que pertencem constituem-se em influ-

ências nas formas de escrever a história. A evolução de um modo de produção ocorre a partir do desenvolvimento das forças produtivas e da luta entre as classes sociais predominantes em cada período histórico. Assim, a história possui uma base material e econômica e obedece a um movimento dialético. E essa relação muda conforme se mudam as leis, a cultura, a literatura, a educação, etc.

As relações de produção modelam, portanto, a estrutura social e a repartição da sociedade em classes. Quando as condições materiais de produção mudam, também se alteram as relações entre os homens que ocupam a mesma posição na sociedade de classes. Eles consideram que a totalidade das relações de produção estrutura economicamente a sociedade. No dizer de Thompson,

A classe é uma categoria histórica: ela provém de uma observação de um processo social dado e se estende por um período de tempo determinado e manifestado constantemente dentro de situações análogas. Há certo estado de naturalidade, e se pode observar a criação de instituições e de uma cultura de classe. (THOMPSON, 1998, p. 15).

Essa concepção sobre o modo de produção e sua transformação histórica, é necessária para compreender como funcionam as forças na vida social, nas instâncias econômicas, políticas e sociais, que colocam um demorado acento nas forças econômicas, fazendo delas seu elemento dominante, sem desconsiderar evidentemente outras forças influentes, tais como as políticas, jurídicas, filosóficas, religiosas e artísticas.

Para a concepção dialética, o sujeito fundamental do conhecimento não é o indivíduo, mas a classe social. É essa que põe as perspectivas, cuja realização concreta caberá aos sujeitos individuais. A pessoa guarda toda sua importância na elaboração do conhecimento, mas não é ele que define, em última instância, a perspectiva na qual se moverá.

No primeiro parágrafo do primeiro capítulo do Manifesto do Partido Comunista, Marx e Engels explicitam a idéia de classes, sua relação dialética e a aplicação na sociedade.

A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e oficial, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada, uma guerra que termina sempre, ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das suas classes em luta". (MARX & ENGELS, 1998, p. 26).

É importante salientar que sobre as bases da produção é que se estruturam os grupos sociais decisivos da sociedade, as classes sociais que se constituem nos sujeitos coletivos fundamentais da história. É nessa base que se constrói o homem como sujeito e objeto de sua ação. Nessa perspectiva, o indivíduo não é um ser possuidor de essência imutável, nem um fragmento isolado que se relaciona exteriormente com outros homens, ele sempre é um ser histórico, concreto que, partindo das possibilidades inscritas na sua natureza biológica, constrói-se

socialmente no e pelo trabalho. Ele é criado no processo histórico do trabalho e suas relações dialéticas, ao mesmo tempo em que transforma a natureza, cria-se a si mesmo.

A história, portanto, não é uma sucessão de fatos aleatórios, mas o desenvolvimento complexo contraditório, cujos sujeitos são as classes sociais em luta, operando concretamente os modos de produção material da vida, as relações humanas ligadas a esse modo de produção, em uma relação dialética, historicamente construída, e que determinam a vida dos homens na sociedade.

Philosophy, school, educators: a historical approach

The discipline of Philosophy allows the analysis of the main currents of thought present in schools and in educators' training. This paper presents concisely some elements to characterize the importance of historical materialism as a procedure for understanding the historical and social processes in their totality. It is essentially a methodological instrument, describing the particular, while contextualizing their relations within the political, economic and social conflicts. The historical materialism is the application of the principles of dialectical materialism to the study of society.

Key words: Dialectic. Historical materialism. Philosophy.

Referências

ALMEIDA, José Luís Vieira de. *Mediação dialética na educação escolar: teoria e prática*. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

GRAMSCI, Antonio. *A concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

MANACORDA, Mario Alighiero. *Marx e a pedagogia moderna*. São Paulo: Cortez, 1991.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. Feuerbach.
Manifesto do Partido Comunista. Lisboa: Avante, 1982
(Obras Escolhidas).

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária-v. 1. A árvore da liberdade. -v. 2. A maldição de Adão. V.3. A força dos trabalhadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.